

Haddad, Alice Bitencourt  
*Sobre pais e filhos na Ética a Nicômaco*

# ANAIIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## SOBRE PAIS E FILHOS NA ÉTICA A NICÔMACO

Alice Bitencourt Haddad  
UFRRJ

---

**RESUMO:** A *Ética a Nicômaco*, como o nome diz, pode ter sido escrita de Aristóteles para seu pai ou para seu filho, homônimos. No início do livro, o filósofo diz ser improvável que alguém seja feliz sem ter tido filhos; por outro lado, reconhece que ter um filho mau ou um filho bom morto causa a maior das desgraças. Enquanto o Estado não assume a função de legislar sobre a educação dos jovens (essencial para o bem-estar social), é preciso, segundo ele, que os pais assumam sozinhos esse papel, empenhando-se em orientar seus filhos para a virtude. Afinal, disso depende sua própria felicidade.

**PALAVRAS-CHAVES:** Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, *Philia*, Paternidade, Crianças.

**ABSTRACT:** Aristotle, as the title of his work suggests, may have dedicated the *Nichomachean Ethics* either to his father or to his son, who had the same name. In the beginning of the book, the philosopher says that it seems unlikely that somebody can be happy without children; on the other hand, he acknowledges that having a bad child or a dead good child inflicts extreme suffering. Whereas the State doesn't assume the responsibility for legislating for the education of the young people (an essential step in social welfare), the parents alone, he says, must assume this role, committing themselves to guide their children towards virtue. After all, their happiness depends on it.

**KEYWORDS:** Aristotle, *Nichomachean Ethics*, *Philia*, Paternity, Children.

---

A vida amorosa de Aristóteles é obscura em alguns pontos, mas sabemos, por Diógenes Laércio, que ele teve dois filhos, mencionados num testamento transcrito pelo próprio Diógenes. Um menino, Nicômaco, a quem se supõe que o filósofo tenha dedicado a *Ética*, e uma menina, com cujo destino Aristóteles parece se preocupar seriamente, cuidando de todos os detalhes para que não fosse abandonada à própria sorte após a morte do pai. Na *Ética a Nicômaco*, além de algumas passagens sobre o amor entre pais e filhos no livro VIII, encontramos várias passagens periféricas que, em conjunto, mostram que ele tinha em alta

Haddad, Alice Bitencourt

*Sobre pais e filhos na Ética a Nicômaco*

consideração a relação entre pais e filhos. E não apenas isso, mas que ele conhecia crianças. A maneira como Aristóteles as descreve em alguns momentos nos faz imaginar que ele observava seus filhos, que, do tempo passado juntos, ele extraía lições sobre o comportamento infantil. Nossa intenção, neste trabalho, é mostrar este aspecto da *Ética a Nicômaco*, a saber, a visão que Aristóteles apresenta das crianças, mais especificamente do afeto partilhado entre pais e filhos e como isso repercute numa ética escrita para homens feitos.

Aristóteles supõe que a felicidade é uma aspiração de todo homem e aquilo pelo que naturalmente todos os homens se empenham. Grande parte da *Ética* é dedicada a compreender o esforço humano, seja pelo exercício dos bons hábitos, seja pelo exercício racional da prudência, para a conquista desse bem e da vida boa. Dependendo da sorte para viver bem não parece uma escolha razoável. Tanto não é, que nos preocupamos com nossas escolhas, que refletimos antes de agir, porque consideramos que podemos ter um papel decisivo quanto ao nosso próprio futuro. Se considerássemos que a fortuna tudo comanda, nem precisaríamos pensar sobre os rumos de nossa vida<sup>1</sup>. Entretanto, embora deixar a sorte regular nossa vida não seja razoável, nem aparentemente natural, Aristóteles admite que, a despeito de nosso empenho, os reveses nos advêm, a fortuna pode interromper planos, ou nos abater de maneira desastrosa. Ser bom parece que não é suficiente para se ter uma boa vida<sup>2</sup>. Um homem sem filhos, por exemplo, tem poucas possibilidades de ser feliz (1099b). Pior ainda o homem que, tendo filhos, os descobre totalmente maus (*pankakoi*), ou, tendo filhos bons, estes morrem.

A morte do filho antes do pai é sofrimento cantado desde Homero. A figura de Príamo, citada por Aristóteles como alguém que viveu *quase* uma vida inteira próspera até ser acometido pela desgraça da perda de vários filhos já na velhice, é emblemática nesse sentido. Espectador dos acontecimentos que lhe sobrevêm, impedido de combater pela idade avançada, Príamo, diz Aristóteles (1100a), não pode ser considerado feliz, tendo experimentado tais vicissitudes e com um fim tão lastimável.

Ter filhos que se tornam maus, trazendo a infelicidade dos pais, também está na perspectiva de Aristóteles. O completo controle sobre o caráter dos filhos também parece impossível, mas a condução dos filhos à virtude é uma tarefa da qual quase nenhum pai se

---

<sup>1</sup> “[...] essas são crenças que utilizamos sempre que agimos; sempre que nos envolvemos na investigação ética (pois, se tudo cabe à fortuna, uma investigação como essa não tem sentido); sempre que argumentamos sobre uma decisão prática; sempre que deliberamos e escolhemos (pois envolvemo-nos nessas práticas com base na suposição de que elas fazem alguma diferença à nossa *eudaimonía*).” NUSSBAUM, Martha. *A fragilidade da bondade: Fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*. Tradução Ana Aguiar Cotrim. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 280.

<sup>2</sup> Nussbaum (2009, p. 281) expressa com precisão: “Há, pois, uma lacuna entre ser bom e viver bem”.

Haddad, Alice Bitencourt

*Sobre pais e filhos na Ética a Nicômaco*

sentiria à vontade para abrir mão; pelo contrário, a afeição natural que os pais sentem por seus filhos, o desejo de seu bem os impele a se empenharem nesse empreendimento inseguro. As crianças vivem sob a instigação dos apetites (1119b); ainda incapazes de entendimento (*anóetoi*), o desejo do prazer nelas é insaciável e generalizado, precisando, portanto, ser preparadas para serem obedientes e submissas à autoridade de quem as cria, pois desejos numerosos e violentos podem destruir o *logismós*, a função de calcular ou raciocinar. O preceptor da criança funciona à maneira do *lógos*, dessa capacidade racional que ela ainda não tem formada. E o instrumento que ele usará para conter os apetites infantis será o castigo.

Assim, a imoderação nos é natural, mas ao mesmo tempo um obstáculo para a nossa formação humana mais completa. Crescer imoderado, devotado aos prazeres da bebida, da comida e do sexo, traz maior sofrimento, seja pela ânsia de obtê-los, seja pela frustração que se segue imediatamente após sua fruição. Paradoxalmente, dirá Aristóteles, as pessoas devotadas a esse tipo de prazer são as que mais sofrem (1119a).

Por isso, apesar de a Ética ser inútil para crianças, ela não é inútil para os seus preceptores. A autoridade e os hábitos do pai têm força no processo educativo pelos laços de sangue, pela gratidão que lhe é devida, pela afeição natural que o filho lhe devota, bem como por sua disposição em lhe obedecer (1180b). Além disso, um pai pode perceber no filho a atenção que seu caso específico requer, o que pode ser negligenciado pela formação coletiva fora de casa (pelo professor de ginástica ou música, por exemplo).

Aristóteles considerava fundamental, além da formação pelos pais, que a cidade também educasse por meio de leis. As leis também têm um papel formador na medida em que podem constranger os homens à prática da virtude, colaborando para a consolidação dos bons hábitos; levando em consideração, ainda, que uma cidade não é feita apenas de homens bons, e que muitos precisam temer a punição para não cometerem injustiças. Por outro lado, o filósofo constata que somente em Esparta ele observa a atenção do legislador para as questões de educação e preparo físico dos cidadãos. Que na grande maioria delas, e aí temos que supor que inclusive nas cidades em que ele viveu, a educação é descurada pela legislação, cada um vivendo à maneira dos ciclopes descritos na *Odisseia* (1179b), “destituídos de leis” (IX, 107), “tendo cada um sobre os filhos e a esposa / plenos direitos, sem que dos demais o destino lhe importe” (IX, 114-115). Na ausência de normas quanto à educação, caberá somente aos pais o cuidado com os filhos. Um Aristóteles sempre atento à contingência completará que é correto

Haddad, Alice Bitencourt

*Sobre pais e filhos na Ética a Nicômaco*

que os pais *tenham o poder* de proceder assim, ajudando seus filhos a atingir a virtude, ou que, no mínimo, *tenham a intenção* de agir assim.

Do que lemos até aqui, o que vai se evidenciando pouco a pouco é que para o filósofo o cuidado com os filhos não é simplesmente um dever. Os pais não são responsáveis por seus filhos, por sua educação, por alguma norma imposta de fora. Parece que a situação é melhor compreendida inversamente. É porque os pais sofrem por e com seus filhos, que os cuidados com eles se tornam uma tarefa importante e que deveria ser ampliada para se tornar, enfim, também uma tarefa do Estado. Na *Política* isso fica claro quando Aristóteles empreende sua crítica à cidade construída na *República* de Platão. Que a *philia* seja um elemento primordial para a coesão da polis, ambos concordarão. Mas enquanto Platão prevê a comunidade de mulheres e filhos, supondo que, com o desconhecimento dos verdadeiros laços de parentesco todos os cidadãos se considerarão familiares e se amarão mutuamente como amariam pais, filhos, irmãos etc., Aristóteles, por sua vez, levanta a objeção de que o efeito seria o contrário. A *philia* se diluiria, em suas palavras, tal como uma gota de vinho doce em grande quantidade de água. “Pois as duas coisas que mais fazem o homem se preocupar e amar (*phileîn*) são aquilo que lhe é próprio (*tò idion*) e aquilo a quem devota singular afeição (*tò agapetón*)” (*Política*, 1262b). Os filhos atendem a essas duas possibilidades de mobilização de amor e preocupação. Não é verdade que os filhos deixando de ser nossos, e uma vez que não os reconhecemos mais, nós iremos amar a qualquer criança com igual zelo. A *philia* entre concidadãos é de outra ordem.

A *philia* de pai para filho torna o primeiro mais exposto, vulnerável. A vulnerabilidade do pai já havia sido anunciada no início da *Ética* quando Aristóteles afirmava que sua felicidade dependia da felicidade do filho. Em 1115a, um aspecto dessa fragilidade se mostra quando se aborda a virtude da coragem mais detalhadamente e se fala do medo. Há medos que não fazem do homem um covarde, e um deles é o de que um filho ou filha seja violentado. Um exemplo extremo, mas demasiadamente recorrente na literatura grega, e especificamente na mitologia ática a partir do V séc., a ponto de Eva Keuls, após descrever numerosos casos de estupro nas narrativas míticas, na maior parte das vezes de uma mortal por um deus, concluir por um certo culto ao estupro entre os atenienses<sup>3</sup>; compreendendo a violência sexual

---

<sup>3</sup> Ver KEULS, Eva C. Tales of Rape. In: \_\_\_\_\_. *The Reign of the Phallus: Sexual Politics in Ancient Athens*. Berkeley: University of California Press, 1993. p. 47-55. Importante também a seção “Theseus, Athens’ National Hero”, p. 57-62, em que mostra a glorificação da violência sexual na tradição ática pela figura do herói nacional Theseu.

Haddad, Alice Bitencourt

*Sobre pais e filhos na Ética a Nicômaco*

como uma forma de dominação, de preferência a uma forma de obter prazer ou filhos. Nosso personagem infeliz do início da *Ética*, Príamo, sofre também essa experiência com Cassandra, que é levada por Agamêmnon como espólio de guerra para servi-lo sexualmente.

Ainda dentro do tema da vulnerabilidade dos pais na *Ética* (1148b), em sua abordagem da incontinência, discutindo sobre o amor e o zelo, e sobre como há pessoas que reservam muita atenção, desejo e amor a certos bens, Aristóteles abrirá exceção, isto é, não verá como censurável a preocupação excessiva de pais para com seus filhos, e de filhos (que se supõem crescidos) para com seus pais – salvo em alguns casos extremos: como o do mito de Níobe, que, de tanto se vangloriar dos filhos, despertou inveja de Leto, que orquestrou a morte deles; e o de Sátiros, rei do Bósforo, que teria atribuído honrarias divinas ao pai morto. Mas, de maneira geral, o cuidado, mesmo que excessivo, com os filhos é algo de se esperar e digno de elogio.

Após percorrer as passagens periféricas sobre a relação entre pais e filhos, nos ateremos agora ao lugar onde propriamente Aristóteles discorre sobre o tema: às passagens sobre a *philia*, a amizade. A amizade, diz o filósofo na abertura do livro VIII, “ou é uma virtude, ou algo que vem junto com a virtude e, ainda, o que há de mais necessário para a vida (*anankaiótaton eis tòn bíon*); pois ninguém escolheria viver sem amigos, mesmo tendo todos (*pánta*) os demais bens” (1155a). Além de os amigos se protegerem nas mais diversas situações, com amigos somos mais capazes de pensar<sup>4</sup> e agir (*noêsai kai prâxai*). Essa consideração do início do livro VIII reverbera o que já havia sido dito no primeiro livro da *Ética*: a felicidade requer bens exteriores, dentre os quais se encontram os amigos, para a prática das belas ações (1099a-b).

A amizade surge, inicialmente e naturalmente, entre o progenitor e o gerado, e isso em quase todas as espécies animais, e implica o desejo do bem ao amigo ou ao ser amado. Aristóteles prevê que as amizades consistem também em reciprocidade, que os amigos sejam mutuamente agradáveis. (Por esse motivo, o vinho não pode ser nosso amigo – 1155b –, pois nem nos ama de volta nem faz sentido desejarmos seu bem, embora queiramos que a garrafa se preserve da melhor forma possível para fruirmos do seu conteúdo assim que possível, admite o próprio Aristóteles). Deixando de lado, portanto, os seres inanimados, amigos desejam o bem um do outro e são mutuamente agradáveis. O amigo pode ser agradável em si mesmo, por ser bom; agradável por acidente, quando é parceiro na fruição de certos prazeres,

---

<sup>4</sup> Em 1170b Aristóteles falará também da comunhão, entre amigos, de argumentos e pensamentos (*koinoneîn lógon kai diánoias*).

Haddad, Alice Bitencourt

*Sobre pais e filhos na Ética a Nicômaco*

ou mesmo porque é útil na conquista de certos objetivos. É evidente que apenas aqueles que se amam por aquilo que são, por seu caráter (*éthos*), são verdadeiramente amigos, de amizade duradoura e imune a calúnias, enquanto as outras formas de amizade são mais sujeitas às mudanças e às intrigas, estão mais sujeitas ao fracasso.

Essa reciprocidade, todavia, não se encontra na forma especial de amizade que é o amor de pai para filho; que também não é idêntico ao amor que o filho dedica ao pai. A troca de prazeres e benefícios da amizade comum aqui aparece de maneira diferenciada. A relação não é igualitária e a hierarquia entre seus dois termos também varia. Primeiro, o filho apenas recebe: recebe a existência, que é o maior dos bens (1161a), e depois todos os cuidados e atenções necessários para a sua subsistência e educação. Ele pode retribuir esses benefícios sendo grato por meio da obediência. Mas depois esse mesmo filho, em situação superior, cuidará de seu pai idoso, incapaz de se manter sozinho. Há troca, portanto, mas em diferentes épocas da vida.

Mesmo havendo troca, o amor de um pai ao filho é diferente do amor do filho ao pai. E Aristóteles expressa isso de maneira curiosa: os progenitores, segundo ele (1161b), tem um sentimento de posse com relação aos seus filhos, sentem que esses são partes dele, assim como um dente ou um fio de cabelo. O amor dos pais pelos filhos se inicia quando esses nascem, enquanto os filhos só começam a amar seus pais depois de terem adquirido alguma mínima capacidade de percepção. As mães, pouco mencionadas por Aristóteles, sentem um amor ainda maior, pois em contato com eles durante a gestação. Voltando aos pais, estes amam aos filhos como a si mesmos, porque saíram deles, mas têm uma existência separada. Os filhos são como partes dos pais que ganharam vida. Aristóteles chega a dizer que é como se os filhos do mesmo pai, os irmãos, fossem o mesmo ser (o pai) em indivíduos separados. Nancy Sherman, que escreveu um artigo sobre a amizade em Aristóteles, usa a interessante expressão “extended self”<sup>5</sup>. O eu daquele que tem amigos e filhos é estendido de forma que os limites de sua felicidade são redefinidos, incluindo a felicidade de outros. Vale dizer que não só a felicidade, como aquilo a que se visa e pelo que se vive, mas o próprio percurso da vida feliz consistirá no compartilhamento de alegrias e sofrimentos de toda ordem entre pessoas que se amam. A autossuficiência como uma qualidade da felicidade – chama atenção a mesma Sherman<sup>6</sup> – também não deve ser confundida com a vida isolada, que independe de outros. A

---

<sup>5</sup> SHERMAN, Nancy. Aristotle of Friendship and the Shared Life. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 47, n. 4, p. 589-613, Jun. 1987. Ver, para a expressão, p. 595.

<sup>6</sup> SHERMAN, 1987, p. 595.

Haddad, Alice Bitencourt  
*Sobre pais e filhos na Ética a Nicômaco*

autora usa uma outra expressão interessante: “autossuficiência relacional”. Nussbaum usa uma semelhante: “autossuficiência comunal”<sup>7</sup>. A boa vida depende, sim, da relação entre pessoas. Aristóteles já o havia dito no livro I, 1097b, na célebre passagem em que assume o homem como um animal político, animal que se associa, que se agrupa, faz família, amigos e aliados entre concidadãos. A tendência a viver em comunidade é natural ao homem, e por isso não faz sentido nos prendermos à defesa de um modelo de vida que pregue a autossuficiência individual. É preciso pensar a boa vida levando em consideração justamente nossas tendências naturais.

Com relação ao amor do filho ao pai, Aristóteles é muito breve, dizendo apenas que é semelhante à devoção do homem aos deuses, amor ao que é bom e superior, devendo-lhe toda a reverência ao seu alcance. Um filho está sempre em débito com seu pai, diz literalmente em 1163b. “Nada que um filho possa pagar será suficiente para retribuir o que recebeu do pai”. Mas, assim como os credores, o pai também pode considerar o débito quitado.

Ao fim da leitura das passagens da *Ética a Nicômaco* sobre a relação entre pais e filhos, nos perguntávamos se essa afeição e zelo descritos poderiam ser vistos na cultura ateniense do tempo de Aristóteles. Por considerar o filósofo um investigador acima de tudo observador, tendíamos a assumir que sim, para nosso próprio espanto, pois uma leitura apressada das relações familiares na Antiguidade sempre nos apontava o vínculo de pertencimento de um filho a um pai enquanto uma propriedade, quase que um objeto da casa; ou como aquele, no caso de ser homem, que gerirá os assuntos e pertences do pai quando este vier a falecer ou a se adoentar. E o que Aristóteles traz na *Ética* é um vínculo afetivo, que se sobrepõe a qualquer utilidade que o filho venha a ter. Como ele mesmo diz ao final, mesmo que o filho seja grato e procure retribuir ao pai idoso – o que também não está garantido –, o que ele fará nunca será suficiente para recompensar tudo o que o pai lhe proporcionou antes.

Dois estudiosos em 1971, Marie-Thérèse Charlier e Georges Raepsaet, publicaram um artigo sobre o assunto na *L'Antiquité Classique* intitulado *Étude d'un comportement social: les relations entre parents et enfants dans la société athénienne à l'époque classique*. E eles chegam, por outros caminhos, a essa mesma conclusão. Partindo de textos antigos das mais diversas origens (Filosofia, História, Teatro e outros), assim como de epigramas funerários, eles reafirmam os laços de afetividade de pais para com seus filhos, e vão elencando uma série de expressões dessa afeição, a saber: (1) o filho como causa de preocupações e medos;

---

<sup>7</sup> NUSSBAUM, 2009, p. 300.

Haddad, Alice Bitencourt

*Sobre pais e filhos na Ética a Nicômaco*

(2) como fonte de alegria e satisfação; (3) o desejo de satisfazer as crianças; (4) a criança como fator de reconciliação entre marido e mulher; (5) o sacrifício que representa o homem ir pra guerra e a possibilidade de deixar seus filhos órfãos; (6) o sofrimento que causa a morte dos filhos (no Segundo Alcebiades se diz que isso já constitui motivo suficiente para nem se ter filhos, 142b); (7) a presença dos filhos no tribunal para sensibilizar os juízes; (8) o juramento pelos filhos e (9) os filhos como argumento afetivo de defesa no tribunal. Para cada um desses tópicos os autores vão elencando textos do período clássico, apontando que, pelo menos, o amor dos pais aos filhos era valorizado socialmente. E, mais ainda, que não se fazia diferença entre o filho e a filha, o que reforça ainda mais a ideia de afeição desinteressada, uma vez que a filha mulher não poderia dar sequência aos negócios do nosso pai.

Não é nosso objetivo aprofundar e esmiuçar os detalhes da relação pai e filho da perspectiva da sociedade ateniense do período clássico, mas apenas mostrar como o texto aristotélico está efetivamente inserido na cultura do seu tempo e que não representa apenas a visão particular do autor sobre dado assunto. Penso que sua contribuição está em tirar o tema de dentro de casa, em tirá-lo do âmbito privado ao lançá-lo para a reflexão filosófica, nesse sentido abandonando a maneira de viver dos ciclopes, considerando justamente que o compartilhamento de pensamentos e palavras nos ajuda a viver melhor.

Para concluir, gostaria de observar que, apesar de todos os riscos que representam os filhos, e são muitos os perigos para os quais o filósofo alerta o leitor da *Ética*, enfim, apesar deles, Aristóteles não conclui hora nenhuma que seria melhor não ter filhos, que a vida boa estaria mais garantida sem eles. Aliás, ele dirá justamente o contrário, que seria mais difícil ser feliz sem filhos. A ideia é que não é porque certas coisas não estão sob nosso inteiro controle que elas devem ser abandonadas. A filosofia presente na *Ética* nos estimula a agir e interferir no mundo para que sejamos menos passivos diante das contingências; se a vida apresenta uma dificuldade, é preciso “contra-atacar”, agir, refletidamente e com os recursos de que dispomos. E parece que a vida boa é essa vida arriscada, porque se temos amigos, amores, bens (de toda ordem), temos o que perder. E a vida boa que me parece defender o filósofo é essa, e não aquela em que se dispensa muito do que nos parece bom, ou para o que tendemos naturalmente, para assim evitar o sofrimento.



Haddad, Alice Bitencourt  
*Sobre pais e filhos na Ética a Nicômaco*

### **Referências bibliográficas**

ARISTOTLE. *Nichomachean Ethics*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1934.

CHARLIER, Marie-Therèse; RAEPSAET, Georges. Étude d'un comportement social: les relations entre parents et enfants dans la société athénienne à l'époque classique. *L'Antiquité Classique*, Bruxelles, v. 40, n. 2, p. 589-606, 1971.

KEULS, Eva C. *The Reign of the Phallus: Sexual Politics in Ancient Athens*. Berkeley: University of California Press, 1993.

NUSSBAUM, Martha. *A fragilidade da bondade: Fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*. Tradução Ana Aguiar Cotrim. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SHERMAN, Nancy. Aristotle of Friendship and the Shared Life. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 47, n. 4, p. 589-613, Jun. 1987.

[Recebido em junho de 2015; aceito em outubro de 2015.]